

Memória e identidade do exílio sul-americano no México*

Eugenia Meyer e Pablo Yankelevich**

“O México foi uma opção, não uma casualidade.”
(Luis Maira)¹

NO INÍCIO DA DÉCADA DE SETENTA, a instauração de regimes ditatoriais no Cone Sul do continente obrigou milhares de pessoas a abandonar seus países de origem. Para uma parcela considerável desses perseguidos políticos, o México surgiu como uma possibilidades – às vezes a única – de conservar a vida.

Com base em uma larga tradição governamental em matéria de asilo político, o México abriu suas portas a um avantajado contingente de exilados sul-americanos – argentinos, chilenos e uruguaios² – que se somou aos núcleos de centro-americanos e caribenhos já residentes no país. Desse modo, durante aquela década e nos primeiros anos da seguinte, o país converteu-se em um lugar privilegiado para o encontro e a construção de uma experiência que teve o fenômeno do exílio como denominador comum.

Mas é preciso reconhecer que não houve apenas um, mas múltiplos exílios. Cada um tem nacionalidade, nome, características pessoais, diferenças de gênero e de geração, família, afiliação política, formação profissional, destino, inserções e percepções distintas. Generalizar, neste como em tantos outros casos, é perigoso e, em certas ocasiões, pode ser um equívoco. De fato, nosso universo de estudo é definido exatamente pela riqueza da diversidade e da heterogeneidade, vislumbrada na comparação entre exilados e em sua relação com o México.

Os exilados provêm de nações onde a *política* é parte constitutiva da sociabilidade de seus habitantes, onde os comportamentos públicos assim como as

* Texto apresentado no X Congresso Internacional de História Oral, Rio de Janeiro, junho de 1998.

** Eugenia Meyer: Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM); Pablo Yankelevich: Escuela Nacional de Antropología y Historia (ENAH).

atividades privadas são marcados pela militância política. Desembarcaram em um território onde, ao contrário, a política aparecia como arena exclusiva de um setor altamente profissional, o dos *políticos*, monopólio de um Estado que se reconhecia herdeiro de uma revolução e o fazia com tal exibição de símbolos que chegava a assombrar os recém-chegados.

O México foi, sem dúvida, o primeiro país do mundo a dar partida, neste século, a uma grande revolução social, vista de maneiras distintas e com variadas óticas pelos demais americanos. O fato de, por um lado, ser um país governado durante quase meio século pelo partido surgido do triunfo militar e político da Revolução de 1910, que aparentemente não mostrava nenhuma fissura e caracterizava-se por um autoritarismo presidencialista, enquanto, por outro, abria suas portas aos exilados, dando plena ajuda a seus esforços pela democratização de seus próprios países, desconcertava os recém-chegados, que demoravam a decifrar os códigos ocultos do jogo político mexicano.

Em seus relatos, os protagonistas desta experiência fazem menção ao conjunto de nomes que surpreendiam: *Insurgentes, Reforma, Revolución* (...), nomenclatura inaudita para os sul-americanos e que se encontrava também nas capas dos livros e revistas que enchiam tanto as prateleiras das livrarias quanto os murais dos edifícios públicos. É preciso lembrar ainda que o México, por sua proximidade com o *Colosso do Norte*, parecia ocupar um espaço “delicado” aos olhos de exilados particularmente receosos das políticas e ações dos Estados Unidos.

Um cientista recorda com humor:

“Eu vinha do Cone Sul, onde se podia perder a vida pelo simples fato de se possuir um exemplar de *O Capital* de Marx, ou um livro de Che Guevara. Um colega chileno me contou que o exército de seu país havia confiscado um livro sobre o cubismo, por suspeitar que propagava o ideário de Fidel Castro. Por isso, quando entrei na livraria *Ghandi*, na zona sul da Cidade do México, fiquei tonto ao ver prateleiras repletas de livros de Marx, Engels, Lenin, Gramsci, Mao e Che Guevara. No café do piso superior, os jovens, com barba, cabelos e óculos que os assemelhavam a uma versão *hippie* de Trotsky, ou a uma versão revolucionária de John Lennon, usavam um vocabulário que, na Argentina, teria provocado sua prisão.” (Cerejido, s/d, p. 93)

Por momentos, durante os relatos, parece que o país dos anos setenta era visto como a terra de esperanças, liberdade e oportunidades que, cinquenta anos antes, havia atraído o olhar de uma geração de latino-americanos graças às promessas de uma revolução contemplada como exemplo continental. Assim, “aprendemos que o México, não apenas nos fazia mais latino-americanos, mas também que a América Latina existia graças ao México.” (Maira, s/d, p. 115)

Apesar deste mundo desconcertante, e ao contrário de outros exílios latino-americanos que se desenvolviam ao mesmo tempo em outras latitudes, o que se verificou no México teve a capacidade de gerar padrões de identidade que emergiram claramente no momento do retorno dos exilados a seus países de origem. De maneira simultânea, verificou-se uma experiência significativa quando parte desse contingente decidiu permanecer no México, assumindo que o exílio havia terminado, mas que os laços e raízes originais se haviam quebrado em alguma parte. Houve também o caso dos que, após o regresso, tão doloroso quanto ansiado, reconheceram que já não se identificavam com suas pátrias, que haviam deixado de pertencer a elas, e optaram por retornar ao México de forma definitiva. Nesse momento as feridas e rupturas se tornaram evidentes, provocando uma consciência distinta e levando cada homem, cada mulher, os filhos, as famílias, a traçar um caminho diferente, com novas expectativas.

Assim, a experiência singular do processo de expulsão, a busca de refúgio e, finalmente, a vivência cotidiana desenvolvida no México, lançaram pontes de pertinência e de identidade que se traduziram em laços afetivos alimentados de maneira permanente durante os anos que seguiram o processo de êxodo. Vemo-nos diante de um fato paradoxal quando a experiência traumática de uma saída forçosa e involuntária do país de origem se re-significa, fazendo com que a residência no México assuma uma valoração positiva, a ponto da decisão de retornar envolver um sentimento de perda.

Como veremos, a violência e a incerteza, o perigo e os múltiplos esforços por sobreviver, como também a tenacidade em manter vínculos e fortalecer a própria identidade ao mesmo tempo em que é construída uma necessária cotidianidade, formaram uma trama apertada que agiu de maneira permanente nas memórias individual e coletiva.

Baseada no resgate testemunhal e documental, a pesquisa ora em curso, *Refugio a la democracia. La experiencia del exilio latino-americano en México*,³ pretende recolher e preservar essas memórias. Trata-se de escutar as diferentes vozes, diferentes tempos e ênfases a fim de reconstruir um processo que teve como protagonistas tanto os sul-americanos como os próprios mexicanos. Trata-se ainda de entender a capacidade de adequação e assimilação, como também as expressões de rejeição e reserva frente a essa onda de refugiados políticos. De maneira geral, pretendemos recuperar, do silêncio e do esquecimento, uma parcela da história do século XX mexicano.

Interessa-nos rastrear esse exílio no México enquanto espaço de interseção de ideologias políticas, processos culturais, formas e tomadas de consciência, práticas, modalidades discursivas, estilos, ações e reflexões criados e recriados em um contexto assinalado pela perda dos referenciais da vida cotidiana. Pretendemos reconstruir essa *experiência* do exílio, entendendo-a como sugere Williams (1980), como uma

das modalidades que assume a cultura de uma época passada, através de formas também históricas e sociais da subjetividade.

Como o México e os mexicanos foram representados em meio ao trauma do exílio? O que, afinal de contas, têm, o país e seus habitantes, que lograram envolver-se de maneira tão radical na experiência latino-americana para finalmente produzir esse estranho fenômeno dos *argenmex*, *chilemex*, *urumex*? Uns e outros, estrangeiros e mexicanos, constituem, ao fim das contas, o universo que estamos explorando.

Aquela idéia primeira, de que “*no México, a gente é gente*”, confere um caráter quase virtual, inacessível ao país e seus habitantes. O mesmo acontece ao se aceitar a outra face da moeda, o preconceito próprio da cultura mexicana, a estranheza e a desconfiança frente aos *outros*, que pode se traduzir no ressentimento com oportunidades ao alcance dos estrangeiros mas negadas aos nacionais ou na afronta de sentirem-se desvalorizados pelos sul-americanos, muito mais europeus, muito mais “sofisticados” que os mexicanos.

Assim, chilenos, uruguaios e argentinos chegaram a um país onde, simultaneamente, se prestava solidariedade aos perseguidos e se expressava uma marcante reticência para com os estrangeiros. Nos interstícios dessa dualidade, essa sociedade acabou por cativá-los ou, de alguma maneira, os exilados encontraram uma fórmula para *burlar* tal característica da cultura mexicana. “No México me sinto bem, aceita pelos mexicanos, (...) apesar de ser ruiva, apesar de ter olhos claros”⁴, ou ainda, “isto, de ser meio ruiva, também impõe distância.”⁵

Para os propósitos de nossa pesquisa é importante verificar o que os exilados sabiam a respeito do México antes da chegada:

“Que imagens tínhamos deste país? Eu, pelo menos, uma imagem que mereceria ser caracterizada como pequena, parcial, descomedida e arbitrária, certamente concebida quando era criança e me submetia a doses de filmes mexicanos, de cantores que visitavam Buenos Aires. E piadas de mexicanos, que tudo resolviam à bala (...) eu nada sabia de sério sobre o México (...)” (Ulanovsky, 1983, p. 19).

Havia uma distância, um conhecimento que remetia apenas a experiências da infância e da juventude, mas pouca informação precisa sobre o país e seus habitantes. Tudo impregnado, de certa maneira, dos estereótipos da visão norte-americana e da cinematografia nacional. “Não imaginava grande coisa, creio que o que tinha

na cabeça que mais parecia com o México era *El Gran Chaparral*, a série de televisão.⁶ Ou então, “nada além do folclórico, nada além dos filmes mexicanos, das canções, da tequila”⁷.

Ainda assim, mesmo as imagens originais mudavam conforme o corte das gerações, os perfis profissionais, as militâncias políticas:

“Como estudante na Faculdade, lembro que, quando estudávamos Direito Constitucional Comparado, sempre falávamos da constituição mexicana, a de dezessete, que era muito avançada, revolucionária.”⁸

Ou, de forma mais elementar, como nos disse uma entrevistada:

“Toda minha referência sobre o México era o livrinho de Silva Herzog sobre a Revolução mexicana, da qual tinha uma imagem idílica, razão pela qual tenho um filho que se chama Emiliano, nascido na Argentina.”⁹

Interessa resgatar a experiência dos que se asilaram nas sedes diplomáticas mexicanas, como também a dos que conseguiram sair valendo-se de seus próprios meios e, finalmente, conhecer e entender como e quando uns e outros optaram pelo México. As vivências são múltiplas. Um funcionário político do regime de Salvador Allende recorda:

“Porque nos demos conta de que as pessoas que ocupavam certos cargos eram muito procuradas (...) Eu não havia pensado em sair do Chile, mas conversei com amigos das Nações Unidas, onde eu havia trabalhado (...) e eles me ajudaram a asilar-me na embaixada do México (...) eu tinha vindo ao México umas cinco vezes, para dar aulas, e tinha muitos ex-alunos, muitos amigos e gostava muito do México (...).”¹⁰

Vários relatos abordam o processo de tomada de decisão que resultou na viagem ao México:

“Depois de vivermos um ano em exílio no Peru, fomos para a Venezuela, e em um dado momento, caiu-me nas mãos uma revista de dança do México. Eu sempre quisera conhecer o México, víamos filmes mexicanos, a Revolução mexicana, (...) e uma vez estávamos reunidos em casa e eu disse: ‘Porque não vamos para o México?’ Começaram a ver como, se tínhamos contatos, que sei eu, porque as coisas, já sabes, são movidas pelos homens, não? E então resolvem que sim, que vamos para o México.”¹¹

As circunstâncias variaram. Contudo, é emblemático o peso da tradição que o México tinha em matéria de asilo:

“Havia vários caminhos de saída, mas o Brasil estava proibido, devido as condições da fronteira, Argentina (...) a fronteira fora fechada em princípios de 76 (...) que outra opção ficara? Venezuela ou México, os únicos países que tinham certa tradição (...) de asilo. (...) o pessoal da embaixada da Venezuela não abriu as portas (...) e então a Venezuela foi descartada (...) havia outras possibilidades: Itália, Alemanha, mas isto para pessoas com família (...) então o México, precisamente pela tradição de asilo que tinha (...)”¹²

As atividades de origem não implicaram limites ou obstáculos ao pedido de asilo. Em consequência, um operário metalúrgico uruguaio recorda que, em 1976:

“O embaixador mandou-me dizer através de meu filho, que sáisse, que não tinha salvação, que me refugiasse [na embaixada], para não ficar correndo risco porque (...) a repressão havia ganho força brutalmente.”¹³

Em alguns casos, as opções e as possibilidades de trabalho se converteram em fatores determinantes na escolha do México:

“(…) foram os arqueólogos peruanos que se puseram em contato com os arqueólogos mexicanos, que, por sua vez, contataram [o marido] através da embaixada do México, então eles imaginaram a forma de saída, o governo mexicano nos deu respaldo, nos apoiou, nos acompanhou à polícia para tirarmos os passaportes (...) O corpo diplomático da embaixada do México nos protegeu, nos acompanhou até o aeroporto, e saímos.”¹⁴

O sentimento de perda fica manifesto nos relatos quando as recordações se voltam para o momento da partida. A dor, a angústia e a desesperança vão cobrindo um espaço vital cujos limites se movem entre o terror que provocou a fuga, a decisão de exilar-se e a incerteza frente ao futuro:

“(…) enquanto caminhava para o avião tive a sensação de que não era como as outras viagens (...) senti que saía do Chile e que esta era uma saída como nunca (...) e ninguém sabia quando ia voltar (...) e neste momento me dei conta de que (...) estava passando por algo terrível (...)”¹⁵.

Em todos os casos foi uma experiência singular:

“Subir ao avião foi o início de uma separação que durou muitíssimos anos.(...) não parei de chorar, desde que subi ao avião até que cheguei a Lima. (...) era tomar consciência de que deixava meu país por necessidades políticas. Eu não tinha vontade de deixar meu país e começar toda uma etapa (...) cheguei ao México, (...) com a única intenção: ver minha mulher e meu filho, e dizer “estamos a salvo” da morte física. Durante o primeiro ano de minha esta-

dia no México – e não por ser o México, mas por estar fora da Argentina – (senti) uma espécie de morte, (...) por ter saído da Argentina, (...) essas coisas próprias de quem se sente desgarrado.”¹⁶

A dor, o desenraizamento e o medo produziram múltiplas práticas, à sombra das quais, de maneira invisível, talvez involuntária, foram construídas as pontes culturais e afetivas entre os exilados e o México. Na realidade, com o amparo do país que os recebeu, inaugurou-se um experimento cujos produtos, duas décadas depois, mostraram uma surpreendente vitalidade. Mulheres e homens, a partir de um cruzamento de sentimentos, terminaram por mudar, de uma vez para sempre, sua forma de ver e de ver-se neste mundo.

Para muitos, o exílio foi a certeza da derrota e, frente a ela, os mexicanos entenderam um manto solidário “Mais que o brilho da vitória, comove-nos a inteireza diante da adversidade”, assinala Octavio Paz (1972, p. 28), como se as ações mexicanas visassem sustentar uma inteireza que, por ser estrangeira, não deixou de ser sentida como própria. “Somos um povo ritual” (idem, p. 37), insiste o poeta. As formas são objeto de culto exacerbado:

“[Tínhamos] de aprender tudo, quer dizer, aprender a cumprimentar o vizinho, a dar-lhe passagem, a não passar no meio de pessoas que estão falando, a não passar os pratos diante das pessoas à mesa; a dizer “*por favor*” quando pedíamos algo, e as fórmulas correlatas “*permiso*” e “*propio*”; a agradecer toda vez que fosse necessário, e até mais ainda que o necessário, respondendo ao “*gracias*” do outro com um “*para servirle*”; a não interromper os outros nas conversas, diminuindo o mais possível, no caso de se ter a palavra, a corrente verbal; a dizer “*salud*” quando alguém espirrava e “*provecho*” quando o outro começava a comer; a oferecer com “*gusta?*” a própria comida a um recém-chegado (...) tivemos que aprender a oferecer hospitalidade usando a forma de cortesia local que consiste em dizer “*lo esperamos en su casa*”, para convidar o interlocutor argentino que acreditava que o mexicano se referia à *sua casa*.” (Mercado, s/d[b], p. 109)

Por um lado, os espaços desse ritualismo começaram a alterar-se com a incômoda presença de minorias exiladas. Por outro, um jovem que punha os pés no México recebia como primeira recomendação a de “ter cuidado” com suas expressões e de ser amável, porque de outra forma seria rejeitado pela população (Schmucler, s/d, p. 166).

Sendo todos latino-americanos, compartilhavam valores e cultura. Como bem advertiu Juan Goytisolo, a pátria comum mais autêntica é a língua. Contudo, as diferenças logo se fizeram notar. Comparte-se o idioma, não seus significados: o *mañana*, o *ahorita*, os diminutivos permanentes, a suavidade e o tom diário. Certas expressões calaram fundo nos exilados e a linguagem dos mexicanos, por sua vez, começou a ser “habitada” pelos estrangeiros.

“E o México é o mundo da incerteza, do *¿por quién sabe*, que acabou me agradando (...) porque creio que às vezes é a única atitude sábia frente uma vida em que não posso saber o que vai acontecer amanhã.”¹⁷

Chegar, instalar-se e começar a construir uma cotidianidade neste país tão diferente provocou sentimentos contraditórios. Enquanto alguns recordam esse passado com certa nostalgia, para outros o impacto da cultura e a rotina geraram rejeição e ojeriza.

“Mas eu dizia: ‘isto é terrível!’ Eu havia lido em García Márquez, mas nunca havia experimentado essa sensação da literatura em que tudo cresce, cresce, cresce... os porcos na praia, a sujeira nas praças... a tudo a gente vai-se acostumando, mas no princípio, foi um choque, a miséria, a sujeira que havia nas ruas, as crianças esmolando, os velhos (...)”¹⁸

O que mais impressionou foram as diferenças raciais. Como reconhece um artista uruguaio, “vim a me dar conta de que nós, os crioulos, estávamos a ponto de descobrir a América profunda.” (Hernández, s/d, p. 32) Ou, como recorda outro artista:

“Havíamos alugado um apartamento em um hotelzinho (...), em pleno centro da Cidade do México. E ali foi o primeiro grande impacto. E digo que foi um impacto racial.(...) Debaixo, na rua, ano setenta e seis, por aí, todos indígenas (...) gente pedindo e vendendo – o que é isto? – e ali, então, entendi: foi um impacto físico do que é a América Latina de verdade.”¹⁹

Uma escritora argentina condensa o choque que a exuberância mexicana de formas, texturas e cores provocou em uma mulher rio-platense:

“Na primeira manhã que saí à rua no México, fui ao mercado de Mixcoac. É difícil descrever sem soar como lugar comum a impressão desses primeiros instantes. Mas eu soube que a densidade e a intensidade haveriam de conjugar-se em mim, a partir deste momento, em um intercâmbio que reuniria a sutileza de uma pétala de flor de mel com a contundência de uma pirâmide de *chiles* [*chilli*: pimental]; soube que começava a ver do modo como essas mulheres estavam me pedindo que as visse, do modo que estavam me propondo entender a índole da matéria, a cor e a forma; do modo que me obrigavam a ficar vendo-as em seus ofícios de esticar a massa, de sustentar a *tortilla* suavemente no ar e deitá-la no *comal* [disco de barro em que se assam as *tortillas*], e de deixar que ganhassem corpo o aroma, o sabor e outros dons de sua condição: de serem mulheres resistentes, sofridas, sorridentes e pundonorosas.” (Mercado, s/d[b], p. 111)

De forma gradual, os exilados foram penetrando o mundo particularíssimo dos mexicanos. O esforço de conviver e compartilhar esteve presente, mas a dor do início foi dando lugar a um gosto pelo mexicano. Abalados pela intensidade da vida em uma metrópole super populosa, alguns – em pequeno número – optaram por viver em outras partes do país, fosse por ofertas de trabalho, fosse por buscarem sítios menos opressivos, ou, quiçá, à procura de características geográficas que lhes recordassem sua terra natal.

Profundamente politizados, acharam difícil a limitadora legislação mexicana que, como mencionamos, impede aos estrangeiros imiscuir-se em assuntos de política nacional. Ouvimos com frequência: “(...)gostaria de ser mexicana para intervir na vida política”²⁰, ou então “frustra-me muito não poder participar de política, talvez esta seja a única razão pela qual deveria me naturalizar.”²¹ Para pessoas que tiveram de abandonar seus países por razões de perseguição política, a restritiva legislação mexicana, apesar da enorme circunspeção em sua aplicação, acabou por gerar um discurso reticente: “espero” – indica uma mulher com um quarto de século de vida no México – “que esta entrevista não me complique a vida.”²²

A ambigüidade de uma identidade fragmentada e a indecisão ante um sentimento de dupla pertinência aparecem com frequência: “estou sempre possuída pela cobiça e pelo desejo irrealizável de ser mexicana”(Mercado, s/d[a], p. 70). Enquanto para outros não se trata de “ser”, apenas de “estar” em um país que deu sentido a uma vida que o exílio fraturou:

“(...) basta estar quinze dias na Argentina e já fico pensando em voltar para o México, não porque diga ‘sou mexicana’, mas porque no México me sinto bem, me sinto reencontrada, e na Argentina me sinto perdida, perco minha identidade.”²³

Passaram-se quase duas décadas para a transmutação daqueles que, de exilados, passaram a imigrantes. “No princípio me pareceu que o assunto era um pouco turístico, como se fossem ser alguns meses, mas iríamos voltar.”²⁴ A busca de oportunidades de trabalho, de casas para morar e de escolas para os filhos foi marcando a pauta de uma experiência que imaginavam provisória. “Eu tardei dezessete anos a mobiliar minha casa”²⁵, ou então, “para mim, a escolarização das crianças fixou o começo do exílio”²⁶.

A ânsia pelo retorno e o permanente interesse pelo que acontecia em seus países foi moldando práticas e atividades. Aí tem origem o *espírito de gueto*, a que se faz referência em certas zonas de residência com relação às escolas dos filhos ou aos lugares para passar férias. Espírito de gueto que também se manifesta nos organismos de solidariedade fundados no exílio, não sem apoio das autoridades mexicanas, como foi o caso do *Comité Argentino de Solidaridad*, ou da *Casa de Chile*.

A vida no interior de cada exílio estava longe de ser aprazível. As diferenças políticas dividiam, assim como a desigualdade das oportunidades entre setores diferenciados de uma mesma comunidade de exilados:

“Aqui houve uma divisão (...) havia uma nobreza no exílio. A nobreza do exílio [era integrada] por aqueles que haviam sido dirigentes no Chile, aqueles que tiveram um cargo no governo da *Unidad Popular* (...) todos eles tinham uma categoria aqui, tinham honrarias, eram tratados assim pelo governo e a eles se oferecia trabalho. Mas os que não havíamos sido nada, nem trabalho tínhamos (...) essa nobreza chilena se negou a ajudar-nos (...)”²⁷.

Primeiro os argentinos, com uma experiência de quase oito anos, começaram a preparar a volta. Foram seguidos, uma década depois, pelos uruguaios e, ao final dos oitenta, pelos chilenos. Decisão difícil para todos, pois envolvia a solução de questões de trabalho, de afinidades, de identidades. Para os que resolveram ficar, envolvia reconhecer-se como desterrado no México ou já como imigrante. Significava aceitar que o exílio forçado os havia irremediavelmente separado de suas pátrias. Ou, como sucedeu com os filhos – que chegaram pequenos ou nasceram no México – aceitar que eram, sobretudo e antes de tudo, mexicanos:

“O dia em que [minha filha] me perguntou se eu gostava de *milanesas*, porque iria me levar *milanesas* nas oferendas dos dias dos mortos, quando eu morresse, eu disse: ‘esta chegou ao México, que bárbara!’”²⁸

Por outro lado, alguns dos que optaram pelo regresso apontam as dificuldades dessa decisão:

“(...) éramos, no princípio, gente que, na melhor das hipóteses, vinha de uma escolha dolorosa, porque deixar o próprio país sempre o é, chegávamos do medo, esta estação empobrecedora, novo limite que trouxe riscos desconhecidos e nos arrancou da vida que elegêramos e a qual estávamos habituados (...) agora, creio, este novo medo cobre o outro que deve andar por aí: o medo de tornar a viver na Argentina, medo de ter que voltar a lutar por meu lugar, medo de comparar o que fui ou o que sou, medo de examinar minha história e minha identidade.” (Ulanovsky, 1983, p. 31, 35)

É exatamente a pluralidade de situações que confere maior interesse a esse projeto de resgate da memória coletiva do exílio sul-americano, pois, finalmente, esta terra que deu abrigo aos perseguidos acabou conquistando muitos deles. Também estabeleceu sólidos vínculos e afetos permanentes com os que voltaram, a tal ponto que alguns acharam impossível a distância, a nostalgia, e ao cabo de certo tempo optaram por retornar definitivamente ao México.

O que explica que o México, diferentemente de outros países, tenha gerado padrões de identidade e de relação tão duradouros? Como a cultura mexicana permeou a vida e a ideologia dos exilados? Como os exilados viveram as diferenças? Como o tempo transformou, ou transtornou, a obsessão do retorno, a sensação do não ser, de estar “aqui” pensando no “lá”, ou bem de, finalmente, estar “lá” pensando no “aqui”?

“Sou grato ao México porque me deu tranqüilidade para aprender outras realidades, distância para valorizar o próprio, e tempo seguro para solucionar as escolhas mais definitivas. Agora, depois de vários anos e de ter vivido como diferente entre outros mais diferentes para mim, sou outra pessoa. No México vi como acontece esse gênero de coisas que, já sabemos, sucedem uma vez na vida: crescer, por exemplo.” (Ulanovsky, 1983, p. 28)

NOTAS

1. Maira, Luis. *Clarooscuros de un exilio privilegiado*. (Yankelevich, s/d, p. 183)
2. Não há uma estatística precisa sobre o número de exilados, mas, de acordo com informações recebidas do Arquivo Histórico da Secretaria de Relações Exteriores sobre os asilados nas diversas embaixadas mexicanas e com as listas dos que chegaram ao México, podemos inferir – provisoriamente – que, entre as três nacionalidades, estabeleceram residência no país cerca de 20.000 a 30.000 pessoas.
3. Com o apoio do *Consejo Nacional de Ciencia y Tecnologia* (COANCYT), da *Facultad de Filosofía y Letras* da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM) e da *Escuela Nacional de Antropología e Historia* (ENAH), colaboram com esta pesquisa: Gabriela Díaz, Cecilia Guerrero, Cencepción Hernández, René Salas e Diana Urow.
4. Entrevista com Martha Selser realizada por Diana Orow, México, D.F., 17 de julho de 1997, *Proyecto del Exilio Latinoamericano* (daqui por diante PEL), PEL/1/A-3.
5. Entrevista com Liliana Felipe realizada por Eugenia Meyer, México, D.F., 14 de agosto de 1997, PEL/1/A-19.
6. Entrevista com Maria Inés Roqué, realizada por Cecilia Guerrero, México, D.F., 14 de agosto de 1997, PEL/1/A-6.
7. Entrevista com Andrea Marcovich realizada por Cecilia Guerrero México, D.F., 7 de julho de 1997, PEL/1/A-1.
8. Entrevista com Enrique Zylberberg realizada por Gabriela Díaz, México, D.F., 11 de novembro de 1997, PEL/1/A-24.

9. Entrevista com Nora Rabotnikov, realizada por Gabriela Díaz, México, D.F., 19 de agosto de 1997, PEL/1/A-24.
10. Entrevista com José Ibarra, realizada por Diana Urow, México, D.F., 15 de julho de 1997, PEL/1/CH\4.
11. Entrevista com Mirta Blostein realizada por Cecília Guerrero, México, D.F., 6 de outubro de 1997, PEL/I/A-29.
12. Entrevista com Hugo Morel realizada por René Salas, México, D.F., 29 de janeiro de 1998, PEL/1/U26.
13. Entrevista com Dionisio Quintán realizada por Concepción Hernández, México, D.F., 11 de outubro de 1997, PEL/1/U-10.
14. Entrevista com Beatriz Aguad realizada por Cecilia Guerrero, México, D.F., 21 de novembro de 1997, PEL/1/1-A-29.
15. Entrevista com Gabriela Salgado realizada por René Salas, México, D.F., 6 de agosto de 1997, PEL/1/CH\6.
16. Entrevista com Enrique Zylberberg, *op. cit.*
17. Entrevista com Nora Rabotnikov, *op. cit.*
18. Entrevista com Alba Díaz realizada por Gabriela Díaz, Puebla, 5 de dezembro de 1997, PEL/1/U-22.
19. Entrevista com Carlos Palleiro realizada por Gabriela Díaz, México, D.F., 4 de fevereiro de 1998, PEL/1/U-28.
20. Entrevista com Susana Plouganou realizada por Gabriela Díaz, Puebla, 6 de dezembro de 1997, PEL/1/A-37.
21. Entrevista com Federico Bonasso realizada por Diana Urow, México, D.F., 24 de fevereiro de 1998, PEL/1/A-43.
22. Entrevista com Martha Selser, *op. cit.*
23. *Idem.*
24. *Ibidem.*
25. Entrevista com Nora Rabotnikov, *op. cit.*
26. Entrevista com Tununa Mercado realizada por Pablo Yankelevich, México, D.F., 10 de junho de 1997, PEL/1/A-2.
27. Entrevista com Rolando González, realizada por Cecilia Guerrero, Culiacán, Sinaloa, 25 de junho de 1997, PEL/1/CH-5.
28. *Idem.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CEREJIDO, Marcelino. “Exilio, investigación y ciencia.” In: Yankelevich, Pablo (coord.) *El México de los exilios. Una experiencia de sudamericanos*. México, ITAM, s/d. (mimeo)
- HERNÁNDEZ, Anheló. Para una crónica del exilio uruguayo. In: Yankelevich, Pablo (coord.) *El México de los exilios. Una experiencia de sudamericanos*. México, ITAM, s/d. (mimeo)
- MAIRA, Luis. Clarooscuros de un exilio privilegiado. In: Yankelevich, Pablo (coord.) *El México de los exilios. Una experiencia de sudamericanos*. México, ITAM, s/d. (mimeo)
- MERCADO, Tununa. *En estado de memoria*. México, UNAM, s/d[a].
- _____. “Esa mañana en la que creí estar en Asia.” In: Yankelevich, Pablo (coord.) *El México de los exilios. Una experiencia de sudamericanos*. México, ITAM, s/d[b]. (mimeo)
- PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad*. México, Fondo de Cultura Económica, 1972.
- SCHMUCLER, Sergio. “Apuntes para el diario de un exilado adolescente”. In: Yankelevich, Pablo (coord.) *El México de los exilios. Una experiencia de sudamericanos*. México, ITAM, s/d. (mimeo)
- ULANOVSKY, Carlos. *Seamos felices mientras estamos aquí*. Buenos Aires, Ed. De la Pluma, 1983.
- WILLIAM, Raymond. *Marsismo y Literatura*. Barcelona, Península, 1980
- YANKELEVICH, Pablo (coord.). *El México de los exilios. Una experiencia de sudamericanos*. México, ITAM, s/d. (mimeo)